

## O PLURALISMO NA CIDADE MURADA DE KOWLOON: Uma recapitulação histórica (1960-1994) sob uma perspectiva crítica-descolonial

### *PLURALISM IN THE KOWLOON WALLED CITY: A historical recap (1960-1994) from a critical-decolonial perspective*

Kawanna Alano Soares<sup>1</sup>

Antonio Carlos Wolkmer<sup>2</sup>

#### RESUMO

O presente estudo busca analisar o desenvolvimento da Cidade Murada de Kowloon sob uma perspectiva crítica-plural, com vieses culturais e históricos, durante o período de sua formação até 1994. O principal intento é compreender como esse espaço urbano, que foi marcado pela ausência efetiva do controle estatal, constituiu-se em um território autônomo com dinâmicas de convivência próprias, autorregulação e resistência à lógica colonial. Metodologicamente, foi adotada uma abordagem histórico-crítica, com revisão bibliográfica, análise documental e interpretação de registros. As percepções descoloniais possibilitaram questionar as narrativas tradicionais que limitavam Kowloon apenas à criminalidade, pois formas de organização plural emergiram neste espaço. Ao final, foi possível compreender que a Cidade Murada representou um espaço de pluralismo insurgente, onde surgiram práticas jurídico-sociais alternativas. Kowloon é um singular caso da história de Hong Kong e um paradigmático exemplo de como comunidades subalternas elaboram formas próprias de pluralidade, resiliência e autogoverno.

**Palavras-chave:** Pluralismo Jurídico; Comunidades Subalternas; Perspectiva Crítico-Descolonial; Cidade Murada de Kowloon.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC, Brasil). Bolsista UNESC/CNPq. Especialista em Geopolítica e Defesa (2023) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, Brasil) e Bacharel em Ciências Jurídicas (2021) pela Universidade da Região de Joinville (Univille, Brasil). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Direitos Humanos e Cidadania (NUPEC-UNESC) e voluntária no Grupo de Pesquisa do Mestrado Profissional em Comunicação e Mediações Contemporâneas (PPGCOM-Univille). E-mail: kawannaalano@unesc.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7518-7573>.

<sup>2</sup> Doutor em Direito. Professor emérito e aposentado da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor dos Programas de Pós-Graduação em Direito da Universidade La Salle (Unilasalle, RS) e da UNESC/SC, onde também coordenou o Mestrado em Direitos Humanos e Sociedade (2016-2023), Brasil. É pesquisador nível 1-A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Membro do Instituto dos Advogados Brasileiros (IAB/RJ). Membro da Sociedade Argentina de Sociologia Jurídica. É também membro do Grupo de Pesquisa "Pensamento Jurídico Crítico e Conflitos Sociopolíticos", (CLACSO, Buenos Aires). Membro da International Political Science Association (IPSA, Canadá), do Research Committee on Sociology of Law (RCSL), da RELADES (Colômbia) e do Instituto Internacional de Derecho y Sociedad (Lima, Peru). Professor visitante em diversas Universidades no Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, Equador, Peru, México, Espanha e Itália. E-mail: acwolkmer@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1958-8433>.



## ABSTRACT

*This study seeks to analyze the development of the Kowloon Walled City from a critical-plural perspective, with cultural and historical biases, during its formation until 1994. The main goal is to understand how this urban space, marked by the effective absence of state control, became an autonomous territory with its own dynamics of coexistence, self-regulation, and resistance to colonial logic. Methodologically, a historical-critical approach was adopted, including bibliographical review, documentary analysis, and interpretation of records. It was possible from the decolonial insights to question traditional narratives that limited Kowloon to criminality alone, as forms of pluralistic organization emerged in this space. Ultimately, it was possible to understand that the Walled City represented a space of insurgent pluralism, where alternative legal and social practices emerged. Kowloon is a unique case in Hong Kong's history and a paradigmatic example of how subaltern communities develop their own forms of plurality, resilience, and self-governance.*

**Keywords:** *Legal Pluralism; Subaltern Communities; Critical-Decolonial Perspective; Kowloon Walled City.*

## 1 INTRODUÇÃO

A rápida urbanização atual leva a um desafio crescente, como enfrentar as restrições de um espaço urbano limitado? Em busca de solucionar estas dificuldades combinadas com a alta densidade urbanas e anseio do desenvolvimento de uma vida saudável e sustentável, foram concebidas ideias como *The Line* na Arábia Saudita, *Masdar City* nos Emirados Árabes Unidos e o Distrito Comercial Internacional de Songdo na Coreia do Sul. A formulação destes espaços deseja atender as necessidades humanas, com o desenvolvimento de formas inovadoras de compreensão espacial e aplicação dos princípios dos Direitos Humanos e do Direito à Cidade. No entanto, não é possível vislumbrar a eficácia a longo prazo desses empreendimentos, especialmente quando se compara a experiências históricas de ambientes urbanos altamente densos que se desenvolveram de forma orgânica – como é o caso da Cidade Murada de Kowloon.

Deseja-se compreender os impactos culturais-históricos de Kowloon e como o pluralismo jurídico emergiu em uma localidade considerada como 'sem lei' em que os mais diversos grupos dividiam o mesmo espaço, sob uma perspectiva crítica-descolonial. Ao investigar eventos históricos é possível aprender e reformular as formas de compreender o mundo e a sociedade que se encontra em constante adaptação. Portanto, a pesquisa se utiliza uma abordagem multidisciplinar e

qualitativa, com fontes de dados secundários e materiais de arquivos, notícias, artigos científicos e evidências fotográficas que documentaram as experiências da vida real e a dinâmica comunitária na Cidade Murada.

Isto porque favelas e demais assentamentos informais, com alta densidade urbana, comumente emergem as margens de um planejamento urbano padrão e, por diversas vezes, os governantes não buscam ou conseguem lograr formas de fornecer os aspectos mais básicos para o desenvolvimento de uma vida saudável – saneamento, segurança, saúde e educação – levantando questões sobre sua viabilidade e os paradigmas convencionais que impulsionam o crescimento urbano. Entretanto, são exatamente nestes locais afastados da ingerência estatal que são desenvolvidas organizações comunitárias impressionantes com soluções criativas para as dificuldades enfrentadas. Quase como um organismo vivo, é necessário compreender os mecanismos complexos existentes dentro dessas comunidades.

O caso da Cidade Murada de Kowloon é um relevante objeto de estudo por ser possível compreender os impactos históricos das invasões, abandonos governamentais e o desenvolvimento de formas de auto-organização, resiliência e governança orientada pelos moradores. Visto que, perante a ausência de apoio do Estado e de compreensão das especificidades locais, os civis se viram obrigados a tomar as rédeas do desenvolvimento social em busca de ser possível ter uma vida digna, mesmo às margens da sociedade.

## **2 COLONIALISMO E A HISTÓRIA DA CIDADE MURADA DE KOWLOON**

Kowloon foi um interessante fenômeno desenvolvido sem a intervenção de arquitetos ou grandes limitações estatais, com mais de 35.000 residências em uma área menor que um hectare (Fernández; Sotés, 2023). A localidade era a mais densa do mundo com 1.255.000 pessoas por km<sup>2</sup> – número estrondoso quando comparado com a população de 3.000 pessoas por km<sup>2</sup> de Los Angeles, 6.800 por km<sup>2</sup> de Hong Kong e 11.000 por km<sup>2</sup> de Nova Iorque (Lee, 2024). A cidade era considerada praticamente como um organismo vivo, que se desenvolvia e crescia com o tempo e a necessidade dos seus moradores.

**Imagem 1.** Visão aérea da Cidade Murada de Kowloon (1990) por Ian Lambot



Fonte: Lee, 2016.

A demarcação de Kowloon era física e psicológica, separando àquele grupo da sociedade de Hong Kong. Quando se revisita a memória da Cidade Murada é essencial analisar suas raízes pós-coloniais, pois era compreendida como um 'outro' por aqueles de fora (Lee, 2016). Remete-se ao exposto por Galeano (2010), onde as estruturas políticas tornam-se um dos principais mecanismos de controle imperialistas, levando à supressão das culturas, tradições locais e marginalização daquelas vozes.

A história da Cidade Murada remete à Dinastia Chinesa Song (960-1297), onde era inicialmente uma pequena construção militar dos soldados imperiais, que controlavam o comércio de sal. Depois em 1846, diante da invasão da Inglaterra em Hong Kong, os chineses ampliaram o espaço com seis torres de vigia e quatro portões em busca de criar uma clara presença chinesa dentro da nova colônia inglesa. Portanto, a história da cidade está intrincada com três governos diferentes – China, Hong Kong e Inglaterra (SCMP, 2024).

O espaço compreendia uma muralha e canhões para defesa, além de escritórios e quartéis militares, funcionando como um distrito da Dinastia Qing com o intento de supervisionar aldeias em suas proximidades e vigiar a presença colonial –

que havia iniciado em 1841. Preteritamente à 1898, as funções de Kowloon eram administrativas e não residenciais, abrigando em torno de 200 civis e 300 oficiais Qing. O escritório do xunjian (magistrado adjunto) era um Yamen<sup>3</sup> e servia como centro para assuntos governamentais locais dentro do Condado de Xin'na (Wang, 2022).

Em 1899, os ingleses determinaram que eram os novos detentores do espaço e expulsaram oficiais da Dinastia Qing, mas a China nunca reconheceu tal ação e não abandonou a sua soberania, permanecendo uma disputa sem resolução. Tornando o local sem lei e nem jurisdição, propício ao desenvolvimento de atividades criminais (SCMP, 2024). Entretanto, durante estas disputas o interesse era voltado apenas a exercer o poder, não havia o anseio de guiar uma política de desenvolvimento para os cidadãos – levando ao final um problema de difícil resolução, com ambos os governos ‘abandonando’ a cidade. Por ter sido ignorada e não existir uma presença policial relevante, ela apenas se expandiu cada vez mais com construções baratas e rápidas (Fernández; Sotés, 2023).

Dito isto, havia uma completa ausência de intenção dos colonizadores de desenvolverem ‘progressos’ sociais-econômicos naquele local e Césaire (2010) explica que, quando invadem um território, busca-se unicamente apropriar-se e explorar o que desse retorno financeiro. A colonização pauta-se exclusivamente na obtenção de lucros, usurpação e privilégios aos colonos, tirando da terra tomada e de seus moradores quaisquer vestígios de dignidade (Memmi, 2007). Criou-se um imaginário que todos os moradores de Kowloon eram pessoas mal-intencionadas, para que assim não tivessem que fornecer o básico à população.

Durante a Segunda Guerra Mundial e a Segunda Guerra Sino-Japonesa, o Japão tomou diversas partes da China – incluindo Hong Kong – e quando necessitaram de materiais para expandir o aeroporto próximo de Kai Tak, desmantelaram as paredes daquela base militar. Quando os diversos refugiados chineses fugiram para Kowloon depois da Segunda Guerra Mundial, por ser reconhecido como o único enclave da China que o governo de Hong Kong não conseguia interferir, inconscientemente utilizaram-se das muradas invisíveis levando os prédios a serem construídos quase no mesmo formato que a base inicialmente

---

<sup>3</sup> Complexos administrativos que definiam a função das cidades muradas imperiais que operaram durante todo o período Qing, sendo a forma com a qual os governantes manchus, forasteiros da dinastia, governavam a sociedade rural chinesa.

possuía. Forçando a cidade a crescer internamente e para cima para atender a demanda populacional (Lee, 2024).

Ademais, Hong Kong buscava não intervir nas atividades que eram desenvolvidas dentro da Kowloon, pois existiam chances de isso provocar revoltas locais que levariam à intervenção chinesa de longo prazo e os britânicos dispensavam quaisquer ações que levassem a aumentar o interesse chinês. Entretanto, existem paralelos entre as populações de Hong Kong e Kowloon, pois ambas haviam sofrido os impactos de uma colonização estrangeira. A Cidade Murada operava com certo nível de independência apenas localmente, pois em uma perspectiva mais ampla, ambas eram atravessadas por intervenções externas que limitavam o desenvolvimento ou marginalizavam populações (Lee, 2016).

Deve-se ressaltar também que o ato colonizador não apenas maltrata o corpo, mas também a mente. Criando uma dicotomia entre o opressor e oprimido e uma complexa teia de relações que sustentava o sistema; como religião, economia, cultura e o Direito agindo como pilares de legitimação (Bragato; Barretto; Silveira Filho, 2017). Por isto, conforme Wolkmer (2018) discutia, mediante as claras limitações do Direito positivo – pelo sistema vigente apresentar disfuncionalidades envolta da legitimidade, elaboração e aplicação da justiça – é natural o desenvolvimento de novas formas e mecanismos para atender as demandas, fato que ocorreu em Kowloon e que foram moldadas perante as transformações culturais, sociais, políticas e econômicas da Cidade Murada.

A expansão vertical da Cidade coincidiu com o anúncio pelo governador Murray MacLehose<sup>4</sup> do primeiro programa habitacional de dez anos, em 1972. Este governo vinculou a habitação ao desenvolvimento de novas cidades nos Novos Territórios, culminando em um período de rápida expansão econômica impulsionada pela exportação e de grande reestruturação urbana. Um dos objetivos era fornecer domicílios autônomos com materiais permanentes – notadamente banheiros e cozinhas em prédios altos de concreto. Foi também durante o mandato de MacLehose, que a Inglaterra e os Estados Unidos normalizaram relações diplomáticas com a China e reduziram as tensões da Guerra Fria na Ásia. Portanto, Kowloon foi

---

<sup>4</sup> Este era o Governador de Hong Kong que havia sido designado pelo Monarca Britânico em 1971, era natural de Glasgow, no Reino Unido. Obteve o título de nobre em 1983, sendo declarado o Barão MacLehose de Beoch. Portanto, uma clara representação do poder colonial.

um produto urbano produzido em meio a uma economia muito vibrante e crescente durante um período relativamente estável (Kwok *et al*, 2018).

A fiação elétrica era improvisada e com conexões perigosas, causando incêndios e choques, perante as captações ilegais de energia da rede elétrica geral porque não havia um projeto básico governamental. Foi legalizado apenas no final da década de 1970, diante de um grave incêndio que devastou a cidade (Fernández; Sotés, 2023). Não havia interferência governamental e, por tal razão, era ínfimo o fornecimento de serviços essenciais como saneamento básico, acesso à água, coleta de lixo e eletricidade – estes serviços eram disponibilizados às margens da cidade de forma enjamburada e limitada (SCMP, 2024).

**Imagem 2.** A Cidade Murada de Kowloon iluminada



Fonte: SCMP, 2024.

Os moradores de Kowloon eram compostos por uma mistura de grupos marginalizados que foram direcionados à criminalidade, mas também de trabalhadores migrantes que o Estado não havia se preocupado em auxiliar e de famílias refugiadas da Segunda Guerra Mundial e Segunda Guerra Sino-japonesa. Neste diapasão, a Teoria Crítica e o Pluralismo Jurídico fornecem as ferramentas para desconstruir as narrativas hegemônicas que limitaram todos os que viviam nesta cidade a “pessoas más”.

O apagamento era tamanho que não existia nenhum relatório afirmando que os prédios de Kowloon eram inseguros ou estruturalmente defeituosos, mesmo depois que o governo colonial considerou a possibilidade de desabamentos, incêndios ou surtos de doenças. Diante dos prédios estarem tão compactados e juntos, acabaram formando uma estrutura estável que se mantinha firme. E por ser um assentamento residencial, era proporcionado uma qualidade de vida superior em Kowloon quando comparada aos seus lares anteriores, conforme expõem moradores. Deve-se reforçar, neste aspecto que não existe uma definição fixa e universal a respeito de “qualidade de vida”, pois esta é moldada cultural, histórico e socialmente – incluindo saúde física e mental, bem-estar, satisfação, família, trabalho, moradia, relações sociais, vida política e cultural, ética social e entre outros (Kwok *et al*, 2018).

**Imagem 3.** Kowloon em “Desenhando de Dentro” por Fiona Hawthorne



Fonte: Lee, 2024.

A relevância em desenvolver uma perspectiva não ocidental em relação a qualidade de vida pode ser arguida no caso de Kowloon que, por ser um assentamento chinês, vincula-se a visão de comunidade chinesa. A descrição simplista da Cidade Murada como um lugar completamente ‘sem lei’, um gueto isolado ou independente de Hong Kong está errada. Kwok (*et al*, 2018) argumenta que Kowloon era um lugar de inovação schumpeteriana sob direitos de propriedade imperfeitos. Nela existiam laços comunitários resistentes com memórias afetivas positivas onde os donos de mercearias permitiam que crianças almoçassem de graça, onde a comunidade se responsabilizava em cuidar de idosos e as residências eram completamente interligadas, permitindo cooperação mútua.

Esta Cidade tornou-se o lar de muitos que viviam em um estado de informalidade legal e urbana, que enfrentavam escassez de recursos, barreiras no acesso à moradia formal e aos serviços urbanos. Existiam muitos prédios sem luz natural, ventilação ou água encanada por conta da falta de diretrizes de saúde e segurança. Contudo, em completo antagonismo aos potenciais arquitetônicos de promover o anonimato, crimes, desorganização e uma ausência de identidade comunitária, os moradores estabeleceram uma resiliente rede social com impactos positivos (Fernández; Sotés, 2023).

### **3 A VIDA NA CIDADE MURADA E PERSPECTIVAS PLURAIS**

De forma esperada, diante da presença policial tímida, existia um elevado índice de crimes – com as gangues, casas de aposta, tráfico de drogas e prostituição. Entretanto, Kowloon cresceu e se conectou de tal jeito que foram criados grupos voluntários de pessoas que acompanhavam mulheres e crianças às suas casas em busca de protegê-los. Um verdadeiro sistema comunitário havia sido desenvolvido (Lee, 2024), com a tomada de consciência e surgimento de formas inovadoras de soluções – as gangues se auto-organizavam para coletas de lixo e as construções de saneamento e utilização de eletricidade ocorriam de forma comunitária entre famílias.

Ademais, por ter se formado ali um ‘paraíso não regulamentado’, médicos, dentistas e empresários migravam para a Kowloon buscando fugir da pobreza e enriquecer. Para aumentar a clientela, as áreas comerciais ficavam localizadas nas extremidades da cidade e, por ter um fácil acesso ao público externo, vendiam em altas quantidades produtos e serviços. Médicos e demais profissionais migrantes, que não conseguiam arcar com os custos para tirarem as suas licenças em Hong Kong, exerciam as suas profissões em Kowloon por preços menores, atraindo clientes de fora da cidade (Fernández; Sotés, 2023).

Era possível ignorar os códigos de segurança, trabalho e incêndio produzindo produtos com uma fração dos custos se ocorressem de forma legal. As empresas floresceram dentro da Cidade Murada, por terem preços imbatíveis à um comércio regularizado e, inclusive, exportando produtos para Hong Kong, China e mares internacionais. Os comércios surgiam de forma orgânica conforme a necessidade dos locais (Lee, 2024).

**Imagem 4.** O comércio exterior de Kowloon



Fonte: SCMP, 2024.

Pesquisadores começaram a questionar a aplicabilidade do conceito *Rhizome*, que seriam como as raízes profundas e intrincadas de uma planta que não há como localizar ou direcionar o seu final ou início com partes interconexas, existindo múltiplas conexões sem uma estrutura fixa. No caso da Kowloon, as construções iniciais deixavam pequenos espaços para locomoções, ar e luz (as ruas, becos e vielas), mas logo estes espaços também eram preenchidos com mais prédios, aos poucos transformando os prédios separados em uma única construção completamente interligada. Os telhados eram unificados e as residências também (Alsuwaidi *et al*, 2024).

**Imagem 5.** Formas de se locomover em Kowloon



Fonte: Lee, 2024.

Diante dos diversos e confusos caminhos, cheios de becos e vielas, não existia um ponto de conexão específico, mas múltiplos horizontalmente e verticalmente – impossibilitando inclusive mapear toda a rede existente na cidade. A única forma de se locomover sem se perder seria por intermédio da memória afetiva e nostalgia, desenvolvendo um próprio mapa mental que era moldado perante a experiência e necessidades individuais. Neste aspecto era praticado formas de conceber o mundo por visões fluídas e em constante desenvolvimento. A cidade se tornava participante ativa na vida e concepção de mundo dos seus cidadãos, mas era vista como um grande e perigoso labirinto aos policiais que tentavam refrear os crimes (Lee, 2024; SCMP, 2024).

Em relação as unidades residenciais, elas eram pequenas e frequentemente compartilhadas por múltiplas famílias. A falta de espaço levou à criação de tipologias híbridas, não adaptadas à classificação urbana convencional ou à delimitação de uso e privacidade. O espaço era utilizado de forma criativa em uma confusão nas distinções entre unidades habitacionais e corredores, interior e exterior, público e privado. As vielas de Kowloon além de serem caminhos que conectavam os vários edifícios e moradias, serviam como espaços sociais e culturais. Em muitos becos eram localizadas lojas, restaurantes e empresas que forneciam bens e serviços essenciais à comunidade e eram administrados por famílias, transmitidos de geração em geração, criando um senso de continuidade e tradição. Estes eram palcos de atividades que fortaleciam os laços sociais e o sentimento de pertencimento. Nos terraços as crianças brincavam e se beneficiavam da luz natural e do ar fresco (Fernández; Sotés, 2023).

**Imagem 6.** “Cidade das Trevas Revisitada” por Greg Girard e Ian Lambot



Fonte: Fernández; Sotés (2023).

Portanto, apesar das condições de moradia e saneamento serem desafiadoras, com falta de luz e ventilação natural na maioria dos apartamentos e locais de trabalho, e a precária condição dos serviços e da infraestrutura, a Cidade Murada mostrou-se como uma forma flexível de conceber o mundo em que os espaços tinham mais de uma função. A comunidade formou uma rede interligada, na qual os moradores dependiam uns dos outros para manter padrões decentes de vida, que operava como multiplicadora de capital econômico, cultural e social. Exatamente por conta da inadequação de serviços básicos por governantes, foi desenvolvida uma comunidade resiliente, destacando o papel do ambiente físico como fator na formação de práticas sociais e culturais com alto grau de autonomia e auto-organização (Fernández; Sotés, 2023).

No centro da cidade estava um pátio que servia de Centro Comunitário, sendo um coração social da comunidade onde era possível ver o céu e sentir o ar puro. Este pátio havia sido estruturado envolta do Escritório de Yamen, que havia sido construído no antigo forte militar em 1845 – local que passou por diversas ressignificações de vieses religiosos cristãos e evangélicos, escolas e centros de convivência de idosos; mas permaneceu preservado e a sua herança mantida. Era um espaço essencial para a comunidade não passível de interferências, novas construções ou grandes modificações estruturais (Lee, 2024).

**Imagem 7.** O coração e Centro Comunitário de Kowloon



Fonte: Lee, 2024.

Resultando em um pequeno grupo de prédios protegidos contra as interferências do crescimento local e remetendo a importância de manutenção e preservação da história, das raízes que levaram a construção deste lar para diversas

peças que haviam sido marginalizadas e procuraram proteção. Moradores descrevem Kowloon como escura, húmida e perigosa, mas também como acolhedora, viva e intercultural, com certo grau de nostalgia e afeto (SMCP, 2024). Neste coração de Kowloon estava localizada a Assembleia Comunitária sem vínculos à governos estatais, onde os cidadãos se auto-organizavam para resolver problemas e realizar a tomada de decisões.

Existia também um Conselho de Anciãos da Cidade, conhecido como Kai Fong, que operavam como intermediário entre os moradores e as autoridades, ao mesmo tempo que ajudava a resolver disputas dentro da própria cidade e registrava a propriedade dos diferentes comércios e residências. Portanto, não era uma cidade ‘sem lei’, Kowloon funcionava como uma rede social e pragmática eficaz, onde todos os moradores estavam dispostos a ajudar uns aos outros em uma ampla gama de áreas, desde abastecimento de água e eletricidade a serviços sociais, religião e cuidados para idosos e jovens. Uma organização social de baixo para cima, onde talvez a Cidade Murada tenha sido o ocorrido mais próxima de uma cidade moderna autogovernada, autossuficiente e autodeterminada, caracterizada por um tecido urbano rudimentar (Fernández; Sotés, 2023).

Haviam sido desenvolvidos internamente novos direitos vinculados especificamente à Cidade Murada, decorrente das lutas históricas das vítimas que eram invisibilizadas e ignoradas, os ‘sem-direito’, e a tomada de consciência da comunidade. Este aspecto é diretamente conectado a maturidade histórica própria ao desenvolvimento humano, onde apenas este grupo marginalizado e a materialidade desta história consegue compreender as dores infligidas. O Direito não era capaz, até aquele momento, de incluir as necessidades dos moradores de Kowloon, pois existia ali um “vazio”. Foi apenas com a auto-organização comunitária e o reconhecimento como seres ‘sem-direito’ que foi possível lutar (Wolkmer, 2018; Dussel, 2018).

Em 1993, China e a Inglaterra firmaram um acordo para demolir a cidade e redefinir o local, realocando os milhares de residentes, mas quando os governantes de Hong Kong divulgaram os planos de demolição, a Assembleia Comunitária de Kowloon organizou Comitês da Cidade e de Antidemolição lutando contra a interferência do Estado. As lutas não surtiram efeitos e àquela cidade agitada, viva, em constante construção e parte do coração de diversas pessoas foi demolida em 1994, substituída por um parque/templo calmo e limpo – os Edifícios Yamen foram os

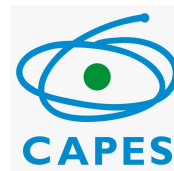
únicos preservados. A Cidade Murada de Kowloon permanece viva na memória de Hong Kong, especialmente entre os seus antigos moradores que se moldaram dentro da cidade perante as experiências, dificuldades e aprendizados. Era o lar de muitos, mesmo que a odiassem (Lee, 2024; SCMP, 2024).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Cidade Murada de Kowloon não pode ser interpretada apenas como uma irregularidade urbana ou como um reduto da ilegalidade, mas sim como o resultado histórico de um longo processo de invisibilização, marginalização e desapropriação de populações situadas à margem da soberania estatal. Sua própria existência expõe as contradições inerentes à modernidade colonial, onde embora as autoridades coloniais e locais buscassem demonstrar controle e legitimidade, falharam sistematicamente em salvaguardar os direitos e as necessidades dos moradores. Em Kowloon, a ausência de responsabilidade governamental não era neutra, mas sistemática. Um gesto político de abandono, que reafirmava hierarquias de poder e produzia um espaço de alteridade.

Dentro desse espaço, contudo, emergiram formas de vida e governança que não podem ser capturadas pelas categorias convencionais de 'ilegalidade' ou 'desordem'. Por meio da auto-organização, da ajuda mútua e da responsabilidade coletiva, os moradores forjaram sistemas de coexistência que, embora precários, revelam uma racionalidade plural e situada. Estas práticas destacam o que o pensamento descolonial identifica como epistemologias das margens: saberes e práticas gerados de baixo, em tensão com as lógicas hegemônicas do planejamento urbano ocidental e da legalidade centrada no Estado.

Uma leitura crítica-descolonial de Kowloon, portanto, permite desestabilizar as narrativas dominantes que a reduzem a um enclave de caos, vício ou pobreza. Embora as condições de privação e vulnerabilidade fossem inegáveis, Kowloon também era um espaço de um denso tecido social, uma vitalidade cultural e uma urbanidade vivida que resistiu e ressignificou o vazio deixado pelos poderes oficiais. A Cidade Murada serviu como um caso paradigmático para a compreensão de como comunidades marginalizadas negociam sobrevivência, dignidade e pertencimento fora das estruturas formais de autoridade.



A Cidade Murada de Kowloon foi um produto material histórico da invisibilização e marginalização dos ‘outros’, em que os dirigentes e governantes – sejam eles vinculados aos colonizadores ou à colônia – não foram capazes de compreender e guiar para um desenvolvimento sustentável. E diante da ausência de representação do Direito positivado e das necessidades dos locais, ocorreu uma auto-organização exclusivamente interna e sem o impulso de governos. Existia em Kowloon um sentimento de comunidade e responsabilidade, não somente pela sua vida, mas também pela vida do próximo. Foi através da dor e do silenciamento que aqueles moradores encontraram a própria voz e definiram sistemas que atendessem suas necessidades.

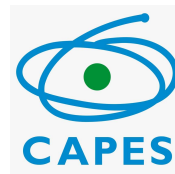
A Cidade Murada era além de uma atração para atividades ilegais, havia famílias diversas e uma cultura de partilha única. Para além da pobreza, falta de saneamento, Kowloon era vibrante e acolhedora a sua maneira. Assim, refletir sobre Kowloon é confrontar questões mais amplas relativas à colonialidade do poder e às políticas de invisibilidade urbana. Obrigando a repensar as maneiras pelas quais as histórias das cidades são construídas, não apenas através das lentes do planejamento estatal ou da governança colonial, mas através das experiências vividas por aqueles que habitam o ‘lado inferior’. Ao fazê-lo, Kowloon oferece um horizonte plural e descolonial de análise ao expor de forma visceral que, mesmo em contextos marcados por silenciamento e desapropriação, modos alternativos de ser, conhecer e organizar emergem e exigem reconhecimento.

## REFERÊNCIAS

ALSUWAIDI, Maryam; BOUSSAA, Djamel; FURLAN, Raffaello; AWWAAD, Reem. *The Paradox of Kowloon Walled City: Architectural Anomaly and Social Microcosm. Sustainability*, 16, 15: 6515, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su16156515>. Acesso em: 8 jul. 2025.

BRAGATO, Fernanda Frizzo; BARRETTO, Vicente de Paulo; SILVEIRA FILHO, Alex Sandro da. A interculturalidade como possibilidade para a construção de uma visão de direitos humanos a partir das realidades plurais da América Latina. **Revista da Faculdade de Direito UFPR**, Curitiba, PR, Brasil, v. 62, n. 1, jan./abr. 2017, p. 33 – 59. ISSN 2236-7284. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/direito/article/view/47133>. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rfdufpr.v62i1.47133>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. 2 ed. Florianópolis: Editora Letras Contemporâneas, 2010.



DUSSEL, Enrique. Direitos humanos e ética da libertação: Pretensão política de justiça e a luta pelo reconhecimento dos novos direitos. **InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 121–136, 2018. DOI: 10.26512/insurgencia.v1i1.18800. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/view/18800>. Acesso em: 17 set. 2024.

FERNÁNDEZ, Sofía Quiroga; SOTÉS, Guillermo Sánchez. *Kowloon Walled City, a social urban analysis through pictures and drawings*. **HERITAGES: Past and Present – Built and Social**. Czech Technical University, Prague, 2023. Disponível em: <https://scholar.xjtlu.edu.cn/ws/portalfiles/portal/44832151/Amps-Proceedings-Kowloon.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2025.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: L&PM, 2010. E-book Kindle.

LEE, Jung Joon. *Kowloon Walled City Revisited: Photography and Postcoloniality in the City of Darkness*. **Difficult Histories**, n. 6, 2, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2027/spo.7977573.0006.202>. Acesso em: 14 jul. 2025.

LEE, Dami. **The Densest City In The World Had a Strange Secret**. Publicado em: 2024. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=hoNclh1K\\_zY](https://www.youtube.com/watch?v=hoNclh1K_zY). Acesso em: 01 ago. 2025.

MEMMI, Albert. **Retrato do Colonizado precedido de Retrato do Colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

KWOK, Prudence Lau Leung; LAI, Lawrence Wai Chung; HO, Daniel Chi Wing. *Quality of life in a “high-rise lawless slum”: A study of the “Kowloon Walled City”*. **Land Use Policy**, 76, Elsevier, 2018. Disponível em: <https://hub.hku.hk/bitstream/10722/259448/1/Content.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2025.

SCMP. *Hong Kong’s Kowloon Walled City: best of the South China Morning Post’s past coverage*. **South China Morning Post**, publicado em: 22 mai. 2024. Disponível em: <https://www.scmp.com/news/hong-kong/article/3263596/hong-kongs-kowloon-walled-city-best-south-china-morning-posts-past-coverage>. Acesso em: 17 ago. 2025.

WANG, Y. L. Lucy. *From Garrisoned District to Chinese Town: Land and Boundaries at the Kowloon Walled City, 1898-1912*. **Architectural Histories**, 10(1), 24, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.16995/ah.8292>. Acesso em: 18 jul. 2025.

WOLKMER, Antonio Carlos. *Pluralism and social law theory from a latin-american perspective*. **Soft Power**, 5(10), 98–112, 2018. Disponível em: <https://editorial.ucatolica.edu.co/index.php/SoftP/article/view/3646>. Acesso em: 17 mar. 2024.